



CORRELAÇÃO ENTRE O DESMAME PRECOCE E A ALERGIA À PROTEÍNA DO LEITE

CAROLINE PIZZAIA FREITAS SILVA, ANA CAROLINA NASCIMENTO MARTINS,
MARIA CRISTINA DURANTE

RESUMO

O aleitamento materno exclusivo é recomendado até os 6 meses pela Organização Mundial de Saúde (OMS). No entanto, muitas mães, optam pelo desmame precoce, podendo trazer consequências, como alergia à proteína do leite de vaca (APLV), caracterizada por uma reação adversa, imunologicamente mediada. Deste modo serão abordados neste trabalho os efeitos do desmame precoce associado à APLV, incluindo os aspectos fisiopatológicos, diagnósticos e tratamento.

Palavras-chave: Desmame precoce; Aleitamento materno; APLV; Pediatria

1 INTRODUÇÃO

O aleitamento materno exclusivo é recomendado até os 6 meses pela Organização Mundial de Saúde (OMS). No entanto, muitas mães, dentro de seus respectivos cenários e necessidades, optam pelo desmame precoce, o que pode trazer consequências, como alergia à proteína do leite de vaca (APLV). A APLV, é caracterizada por uma reação adversa, imunologicamente mediada à proteína alimentar, e as manifestações clínicas podem ser diversas. Sucintamente, o aleitamento materno influencia na APLV através da microbiota intestinal. Deste modo serão abordados neste trabalho os efeitos do desmame precoce associado à alergia à proteína do leite de vaca, incluindo os aspectos fisiopatológicos, diagnósticos e tratamento, assim o intuito é mostrar a relevância da associação de ambos os fatores.

Realizar uma revisão bibliográfica sistemática correlacionando o desmame precoce em conjunto com as manifestações de alergia à proteína do leite, afim de entender melhor a relação de causa de consequência entre ambos os fatores. Analisar o desmame precoce e sua intercorrências. Analisar as possíveis causas que levam a alergia à proteína do leite, correlacionar casos de desmame precoce que resultaram em manifestações de alergia à proteína do leite, quantificar o número de casos que apresentam especificamente alergia à proteína do leite e não demais alergias, documentar a importância da análise desses dados, medidas para melhora do cenário atual, por meio de orientações, diagnóstico precoce, investigação ativa da doença.

2 METODOLOGIA

E Este trabalho foi realizado através da leitura e análise sistêmica de diversas bibliografias para que seja feita a correlação entre o desmame precoce e os pacientes pediátricos que apresentaram alergia à proteína do leite diante de tal quadro. Além de corroborar com dados numéricos que serão coletados através de bancos de dados públicos para que seja obtido uma melhor noção do real número de pacientes que são afetados pelo desmame precoce e acabam desenvolvendo alergia à proteína do leite, tornando assim a

pesquisa algo mais palpável, trazendo a importância da junção entre a revisão bibliográfica e os dados numéricos.

3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A amamentação é uma das formas mais importantes para o desenvolvimento saudável dos recém nascidos. O aleitamento materno exclusivo durante o período de seis meses é atualmente o que é recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como melhor opção de alimentação para os bebês. No entanto, muitas mães, dentro de seus respectivos cenários e necessidades, optam pelo desmame precoce, o que pode trazer consequências graves na saúde de seus filhos, sendo uma delas a alergia à proteína do leite de vaca (APLV). Durante esta iniciação iremos abordar a relação entre esses dois fatores, visto que a APLV é uma patologia de grande relevância e nem sempre de fácil diagnóstico. Serão abordados neste trabalho os efeitos do desmame precoce associado à alergia à proteína do leite de vaca, incluindo os aspectos fisiopatológicos, diagnósticos e tratamento. Para isso, serão apresentados resultados de pesquisas e estudos científicos que abordam o tema.

É importante lembrar que o aleitamento materno não só é extremamente nutritivo, como também essencial para o desenvolvimento do sistema imune do recém-nascido. Sendo assim ao ser interrompido antes do período recomendado um dos riscos que o bebê corre é justamente desenvolver a APLV, que por sua vez pode apresentar manifestações cutâneas, gastrointestinais e respiratórias, levando não só o desconforto do recém-nascido, como também um estresse generalizado por parte dos cuidadores, afetando também a esfera psicológica e estrutural do ambiente. Isso porque a APLV é uma dentre muitos tipos de patologias que podem ser desenvolvidas pelo bebê, tais como: intolerância à lactose, doença do refluxo gastro esofágico, doença celíaca, e até mesmo alergias a alimentos específicos.

Diante de tantas possibilidades é preciso que os sinais e sintomas apresentados pelo RN sejam investigados com cuidado, no caso da APLV podem ocorrer quadros com sintomas apenas respiratórios, tornando o diagnóstico mais minucioso. Outro aspecto que deve ser abordado durante essa análise é a duração da investigação, já que muitas crianças necessitam fazer dieta específica na qual a indicação é de que o leite de vaca, assim como seus derivados, seja retirado totalmente da dieta por um período de tempo específico. Esse processo pode causar uma certa estranheza não só por parte da criança que já está acostumada com sua atual dieta, quanto por parte dos cuidadores já que os gastos são um pouco maiores quando se fala de produtos não dependentes do leite de vaca para sua fabricação.

Assim, serão abordadas neste trabalho a relação entre o desmame e o número de casos de APLV associados, uma vez que a mesma traz grandes impactos no cenário geral da família e precisa ser abordada de forma assertiva e multiprofissional. O intuito é mostrar a relevância do aleitamento, associado a prevenção da APLV, dentro da atenção primária, além uma visão mais focada no processo de diagnóstico, que pode ser demorado e caro.

Sustentando o supracitado, o aleitamento materno é um fator essencial para o crescimento e desenvolvimento do bebê, especificamente nos primeiros seis meses de vida (BOCCOLINI, et al., 2017). A amamentação é o período no qual se desenvolve não só o sistema imune do recém-nascido, como também o relacionamento mãe e bebê, dado a sua importância, deve-se salientar que o leite materno é constituído de diferentes componentes, dentre eles: vitaminas, minerais, proteínas, gorduras, carboidratos e anticorpos (OLIVEIRA, CARIELLO e DINELLY, 2016).

Diante disso, é comprovado cientificamente que leite materno é suficiente para a completa nutrição do recém-nascido até 6 meses de idade. Trazendo mais uma vez a importância de se completar esse ciclo de alimentação com o leite materno até o período especificado. Além disso, os benefícios também se estendem a própria mãe, uma vez que o ato de amamentar tem como vantagem: prevenção de câncer de útero e mama, restabelecimento do

peso, menor sangramento pós-parto, além de evitar osteoporose e doenças cardiovasculares (ROCHA, et al. 2018).

Durante o ato de mamar o bebê realiza a sucção, processo que contribui com o desenvolvimento do sistema digestório, além de aguçar reflexos e aprimorar o sistema imune do mesmo. Sendo assim, é de extrema importância que o aleitamento seja feito não só durante seu período determinado de seis meses, como também com a técnica correta de sucção e pega da mama, para que o recém-nascido consiga não só uma alimentação adequada, mas também todos os benefícios que ela traz.

A alergia a proteína do leite de vaca (APLV), é caracterizada por uma reação adversa, imunologicamente mediada, à proteína alimentar. É a alergia alimentar mais comum da infância, acomete 2 a 3% dos lactentes no primeiro ano de vida e 1,4 a 3,8% das crianças menores de 3 anos de idade. Este dado se dá ao fato de que as proteínas do leite de vaca, são os primeiros antígenos alimentares a serem introduzidos na dieta do recém-nascido. (BURNS et al., 2017; ZEPEDA-ORTEGA et al., 2021).

As manifestações clínicas da APLV são diversas, e são dependentes dos mecanismos alérgicos envolvidos, podendo ser eles: APLV IgE mediada, APLV não IgE mediada e APLV mista). A IgE não mediada é a forma mais predominante, possuindo sua fisiopatologia baseada na reação de hipersensibilidade mediada por linfócitos T, podendo manifestar diferentes síndromes clínicas: enterocolite, proctocolite / colite alérgica e enteropatia induzida por proteínas alimentares. (BURNS et al., 2017).

A enterocolite e a enteropatia induzida por proteína alimentar são as mais associadas a introdução precoce a proteína do leite de vaca, e se manifestam em dias, semanas ou meses após o desmame. Os principais achados clínicos associados são: diarreia crônica de caráter aquoso e ácido, vômitos, má absorção intestinal associada à anemia, eritema perianal, distensão abdominal, insuficiência de crescimento e perda de peso. (BURNS et al., 2017).

Sinteticamente, o aleitamento materno influencia na APLV através da microbiota intestinal. Visto que a microbiota de lactentes alimentados exclusivamente por leite materno é diferente daqueles alimentados com aleitamento materno artificial. O leite materno é rico em fibras prebióticas (oligossacarídeos) que participam da formação da microbiota, além de possuir bactérias (gêneros *Lactobacillus*, *Staphylococcus*, *Enterococcus* e *Bifidobacterium*). Os oligossacarídeos presentes compõem diversas estruturas moleculares que promovem o crescimento de bactérias específicas, com importância extremamente positiva para o trato gastrointestinal da criança. (FERNADES TF, 2018 apud SIQUEIRA, 2020)

Nesse contexto, o objetivo desse projeto de estudo é compreender como a prática do desmame precoce, pode influenciar no desencadeamento da alergia a proteína do leite de vaca (APLV). Sendo de grande importância diante da tendência de elevação dos casos de alergia à PLV, pois podem estar associados à significativa morbidade, com prejuízo na sobrevivência e na qualidade de vida da criança. (BURNS et al., 2017; SIQUEIRA et al., 2020).

4 CONCLUSÃO

Ao final desta revisão, podemos concluir que o aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de idade é de suma importância, já que a ausência do mesmo juntamente com demais fatores intrínsecos aos pacientes pediátricos, pode trazer resultantes como a alergia à proteína do leite de vaca. Pacientes recém-nascidos possuem uma microbiota intestinal mais sensível a alterações, uma vez que sua microbiota ainda não está completamente desenvolvida, além de fatores adjacentes que possivelmente interferiram em sua formação como: idade gestacional, via de parto, uso de antibióticos pela mãe durante a gestação.

Com isso é importante ressaltar que a existência de alergias se dá pelo diagnóstico de sintomas como: distúrbios gastrointestinais, cutâneos, respiratórios, circulatórios e anafilaxia. Em especial a alergia à proteína do leite de vaca, pode também apresentar fatores de risco

intrínseco, ou seja, hereditariedade, e também fatores de cunho extrínseco, ou seja, a interrupção do aleitamento materno. A grande problemática são pacientes que apresenta apenas sintomas não característicos como distúrbios respiratórios e deficiência na formação do mesmo, pois seu diagnóstico acaba sendo extremamente complicado e muitas vezes de grande demora para sua resolução.

Além do difícil diagnóstico paciente pediátricos tem grande dificuldade na alteração de sua dieta, o que acaba afetando concomitantemente a sua aceitação aos novos alimentos, assim como à sua introdução alimentar de fato. Também devemos ressaltar o tratamento desses pacientes que consiste em retirar de sua alimentação todos alimentos que possam conter leite ou traços de leite de vaca, o que resulta em uma dieta diferenciado, mais cara para a família em sí, e com diversas restrições.

Ademais, o aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de idade foi comprovado como fator protetor não só para o não desenvolvimento da alergia à proteína do leite de vaca, mas também para diversas outras possíveis comorbidades, como: redução do risco de obesidade precoce na infância, melhor desenvolvimento do sistema imune e conseqüentemente a diminuição do número de infecções e alergias adquiridas por esse paciente, dentre outros.

REFERÊNCIAS

A amamentação como fator de proteção para a alergia à proteína do leite de vaca na infância: o que dizem as evidências científicas? | Revista Eletrônica Acervo Saúde. **acervomais.com.br**, 30 maio 2020.

BOCCOLINI, C. S. et al. Breastfeeding indicators trends in Brazil for three decades. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, p. 108, 27 dez. 2017.

BOCCOLINI, C. S.; CARVALHO, M. L. DE; OLIVEIRA, M. I. C. DE. Factors associated with exclusive breastfeeding in the first six months of life in Brazil: a systematic review. **Revista de Saúde Pública**, v. 49, n. 0, 2015.

BRAGA, M. S.; GONÇALVES, M. DA S.; AUGUSTO, C. R. OS BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL / THE BENEFITS OF BREASTFEEDING FOR CHILD DEVELOPMENT. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 70250–70261, 2020.

BURNS, Dennis Alexander Rabelo et al. **Tratado de pediatria**. Sociedade Brasileira de Pediatria. 4. ed. Barueri: Manole, 2017. 2564. P.

DE FREITAS, I. E. C. et al. Relação entre o desmame e a introdução alimentar precoce no surgimento das alergias alimentares: Uma revisão da literatura expandida / Relationship between weaning and early food introduction in the onset of food allergies: An expanded literature review. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 12853–12863, 11 jun. 2021.

Portal. periodicos. CAPES - Acervo. Disponível em: <<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>>.

RAFAELA; FELINTRO, R.; MEDEIROS, G. DESMAME PRECOCE: O PAPEL DO LEITE MATERNO NA PREVENÇÃO DE ALERGIA E FORTALECIMENTO DA IMUNIDADE.

Revista Campo do Saber, v. 3, n. 3, 2017.

RIBEIRO, A. A. et al. O desmame precoce como causa da alergia à proteína do leite de vaca: uma revisão / Early weaning as a cause of cow's milk protein allergy: a review. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 4, p. 25502–25508, 11 abr. 2022.

SIQUEIRA, S. M. C. et al. A amamentação como fator de proteção para a alergia à proteína do leite de vaca na infância: o que dizem as evidências científicas? **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 49, p. e485, 29 maio 2020.

ZEPEDA-ORTEGA, B. et al. Strategies and Future Opportunities for the Prevention, Diagnosis, and Management of Cow Milk Allergy. **Frontiers in Immunology**, v. 12, 10 jun. 2021.